

Malan: linhas de crédito estão se recuperando

Em encontro com investidores na Inglaterra, ministro nega a necessidade de reestruturar a dívida externa

Gustavo Miranda/4-9-2002

Maria Luiza Abbott* e
Graça Magalhães-Ruether

• LONDRES e FRANKFURT. Em seu segundo dia de viagem à Europa para encontros com investidores, o ministro da Fazenda, Pedro Malan, assegurou que os financiamentos de comércio exterior estão se recuperando.

— Nunca acreditamos numa dramática virada, mas estamos observando a recuperação gradual das linhas de crédito — disse Malan a um grupo de cem investidores reunidos no Banco da Inglaterra, em Londres.

Segundo o diretor de Assuntos Internacionais do Banco Central, Beny Parnes, os bancos cortaram cerca de US\$ 2 bilhões e o total de linhas de crédito de comércio caiu de US\$ 19 bilhões para US\$ 17 bilhões. Parnes, que acompanha o ministro na viagem à Europa, disse aos investidores que o valor das linhas tinha se estabilizado e, mais recentemente, tinha começado a crescer um pouco.

Evolução do saldo comercial foi um fator positivo

Malan almoçou com nove empresários britânicos, a ministra para o Comércio Exterior, baronesa Elizabeth Symons, e o subsecretário do Tesouro, Gus O'Donnel, na embaixada do Brasil em Londres. Antes disso, de manhã, ele se reuniu com diretores do HSBC, do Standard Chartered e do Lloyds TSB, os três bancos britânicos com maior volume de investimento no Brasil. Na saída, Malan disse que eles se comprometeram a manter esses financiamentos.

— Eles confirmaram o compromisso de preservar o nível geral de negócios no Brasil, inclusive as linhas de crédito.



PEDRO MALAN, após encontros em Londres: “Estamos observando a recuperação gradual das linhas de crédito”

O mesmo compromisso eu ouvi dos investidores diretos estrangeiros — disse.

À tarde, Malan e Parnes fizeram uma exposição para cem investidores estrangeiros e traçaram um quadro de recuperação das finanças externas do país, enfatizando a evolução positiva do superávit da balança comercial. Segundo Parnes, o governo está revendo as projeções para o déficit em conta corrente, que poderá cair para cerca de US\$ 15 bilhões este ano, menos da metade dos US\$ 34 bilhões que atingiu em 1998.

Além das eleições no Brasil, a grande preocupação dos investidores é com a desaceleração da economia mundial e com as quedas nas principais bolsas do mundo. Nesse cenário, aumentam as perdas, cresce a aversão

ao risco e poderia cair o volume de recursos disponíveis para atender às necessidades de financiamento externo do país. O ministro disse que, nesse caso, seria pior para todos, e não só para o Brasil.

Malan hoje encontra-se com empresários em Paris

Quando indagado se o Brasil sobreviveria nessas condições e se não seria melhor reestruturar a sua dívida externa enquanto o país contava com a confiança dos investidores, o ministro foi categórico:

— Não tenho dúvidas de que sobreviveremos e a resposta a essa proposta de reestruturação é não, com letras maiúsculas — disse.

Ele argumentou que a dívida externa é sustentável e disse

que, na sua experiência, essa era uma idéia boa do ponto de vista acadêmico, e que na prática, porém, quando alguém falasse nisso, acabaria criando uma profecia auto-realizável.

Ainda antes da exposição, o ministro se encontrou com o presidente do Banco da Inglaterra, Edward George, e no fim da tarde, com o secretário do Tesouro, Gordon Brown. À noite embarcou para Paris, onde hoje se encontra com investidores e empresários.

Em Frankfurt, o presidente do Banco Central, Armínio Fraga, também encontrou apoio de empresas alemãs. Algumas, como é o caso da Basf, esperam a superação da crise para aumentar os investimentos no país. Após um almoço com Armínio no centro finan-

ceiro da cidade, Peter Rudiger Puhs, o economista-chefe da empresa Daimler-Chrysler, de Stuttgart, afirmou que a empresa está otimista, apesar de a nova fábrica em Minas Gerais operar com prejuízo.

Crítica ao processo de privatização das teles

O principal problema das empresas automobilísticas resulta dos investimentos feitos há cerca de quatro anos, que levavam em conta a projeção de altas taxas de crescimento. No caso da Daimler há um plano de mudar a linha de produção na fábrica de Minas, mas a questão ainda será decidida. Ontem, no entanto, a fábrica da Daimler em São Bernardo do Campo (SP) anunciou que estava colocando

três mil funcionários em licença remunerada.

A maior crítica dos empresários alemães foi feita por Bernd Stecher, representante da Siemens, que atacou a privatização das telecomunicações.

— O processo de privatização do setor deveria ter sido mais transparente — disse.

Apesar de a crise brasileira não ter sido superada, os empresários alemães frisaram que a situação do país é totalmente diferente da argentina:

— No Brasil, trata-se apenas de uma dificuldade passageira. No caso da Argentina, eu diria que é uma tragédia no que se refere a quase todos os aspectos da economia — concluiu Peter Rudiger Puhs. ■

(*) Especial para O GLOBO